

VICTÓRIA DUQUE, A PRIMEIRA OLEIRA
A CAUSA EFICIENTE NO FEMININO

Maria Teresa Santos

O oleiro acolhe nas mãos a memória gestual

No Redondo, a Rua do Castelo é o principal arruamento medieval a ligar a Porta da Ravessa, a Oriente, à Porta do Postigo, a Ocidente. Por ela alinham-se antigas habitações cujos quintais se encostam ao amuramento dionísio. Numa dessas habitações, frente ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia, fica a olaria do mestre Mértola. Casa térrea, de porta aberta, com um ambiente peculiar sugestionado pela combinação cromática do branco da cal das paredes e do castanho do barro. Barro em pasta, barro sovado, barro em peças para cozer, barro em peças já cozidas e por pintar. Peças no chão, peças encostadas às paredes, peças assentes em estantes improvisadas. No compartimento contíguo ficam as peças engobadas, riscadas ou já pintadas. Não há loiça utilitária. Só decorativa.

No quintal fica o forno circular, com dois metros de diâmetro, integralmente construído a tijolo "burro" e de tecto abobadado. O forno tem duas secções, a "barriga" (câmara) e a caldeira. Estão separadas pela grelha e o acesso é distinto. A "barriga" tem uma entrada sem porta. Tapa-se e destapa-se, ora para cozer ora para desenfornar. A caldeira, onde se coloca a lenha, fica encovada a mais de um metro de profundidade, por isso o acesso faz-se por uma rampa inclinada. No quintal ainda fica a tina, que recebe o barro para ser desfeito e coado.

Aqui trabalha a primeira mulher oleira. Todos a conhecem mas fala pouco de si e muito do ofício, como se não existisse fora do espaço da olaria.

Não se quer apresentar?

Chamo-me Victória Duque. Tenho vinte e nove anos, nasci em Redondo e trabalho na olaria há dezassete anos.

A indiciação de trabalho infantil leva a perguntar: então com que idade começou?

Comecei com quinze anos.

Começou por obrigação ou por vocação?

Por necessidade. Andava na escola e nas horas vagas ia para a olaria trabalhar, a ganhar quinhentos escudos por semana.

Quantas horas trabalhava?

Depende. Se tinha a tarde livre, ia trabalhar. [*Pensa um pouco*] Não sei. Quando começo a trabalhar não tenho horas para parar.

É entusiasmo?

Sim. Às vezes trabalho dia e noite. Se gosto, estou sempre a trabalhar. Se tenho encomendas grandes e prazos a cumprir, trabalho sem limite. Nunca tive horas.

Não fez nenhum curso nem experimentou outra profissão?

Não. Foi sempre a minha profissão e eu não sei fazer outra coisa. Ao fim de dois meses de ter entrado para a olaria, o meu mestre [*é assim que se refere ao mestre Mértola*] perguntou-me se eu estava a gostar e eu respondi-lhe que se não gostasse já teria ido embora.

E aos quinze anos, começou por fazer o quê?

Por pintar 100 bases de candeeiros.

A pintura é a última das operações a realizar na olaria. Antigamente era executada com a peça em cru, sem molde e sem prego, a depender da habilidade e predisposição criativa da pintora. Hoje em dia usa-se ou não o molde mas não se dispensa o prego para riscar o desenho antes de pintar. A Victória tinha um risco?

Sim e às vezes fazia desenhos do que via e gostava. Depois desenhava muitas vezes até gostar do molde.

Os seus desenhos são facilmente identificados. Como define o seu desenho?

É infantil. É 'naif'. De vez em quando, como foi o caso da semana passada, faço coisas diferentes. A semana passada fiz umas orquídeas por encomenda de uns holandeses.

As peças decorativas têm motivos caracteristicamente alentejanos: pastores e ovelhas; guardadores de porcos com os respectivos animais; ceifeiros e ceiferas; aguadeiras em burros; etc. Desenhos simples alternam com aves e cercaduras de flores. Que desenhos risca?

Faço desenhos típicos daqui mas não gosto muito. Acho que as figuras não assentam bem nos pratos. Tenho os meus próprios desenhos: a árvore da vida, os pombos no ninho, flores, montes alentejanos, etc. Também gosto de pintar azulejos.

E que cores prefere usar?

Se pudesse só pintava de verde e amarelo.

O verde (sulfato de cobre) e o amarelo (bicromato de potássio) eram as cores usadas no início do século XX. Em 1959, Adriano Martelo, com a colaboração de Isabel, conhecida por "Velhinha do Alentejo", introduziu as tintas comerciais na pintura da loiça, inovação que ainda se mantém. Mas pintar e riscar são tarefas de mulher. A olaria é um ofício transmitido aos homens. Um ofício musculado. Olhando para Victória Duque nunca se imaginaria oleira. É uma mulher magra e baixa de dedos finos. Impressionantemente delicados a lembrar os dedos da boneca que fascinou Almada Negreiros e o fez chegar atrasado à escola. Aparenta energia de quem é determinada mas não há nela sem ímpeto combativo ou voluntarioso.

Como é que se tornou oleira e venceu o preconceito que a olaria é trabalho de homem e não de mulher?

Comecei por enformar o forno a lenha. Sei cozer um forno a lenha melhor que muito melhor que certos oleiros de toda a vida. É um trabalho muito duro. Tem de se ir buscar lenha ao campo e carregá-la.

Como é que se sabe que um forno daquelas dimensões atingiu, diga-se assim, "o ponto" para cozer as peças?

Ah, isso não se explica. Só vendo e fazendo. Quando comecei metia-se, à noite, um madeiro enorme para esquentar a loiça, para o corpo da loiça se ir habituando ao quente. No outro dia, logo cedinho, eu e o meu mestre descíamos "abaixo" à rampa e com o auxílio do forcado de ferro e do cabo de madeira metíamos a lenha na fornalha [câmara]. Íamos sempre pondo lenha miúda para estabilizar a temperatura. Para as mulheres é um trabalho complicado pois exige muita força. O forno demorava um dia a cozer. Tinha-se de estar permanentemente com atenção. Depois era desenformar.

Mas o que há de específico no enformar e desenformar para ser um trabalho destinado aos homens?

Não é fácil. Primeiro metem-se as peças encima umas das outras e sempre invertidas. As peças miúdas são as primeiras a entrar. Tem de se ter em atenção que ao cozer a loiça vai apertando (ganhando consistência), pode cair e partir.

Desenfornar é um momento muito arriscado. O forno é altíssimo e há que ter orientação para tirar a primeira peça sem cair tudo em cima. Dantes partia-se muita loiça, por isso quando se encomendavam dez panelas tinha-se de fazer o dobro.

A otimização do espaço, exigível no enformar a fim de, por um lado, garantir a dispersão uniforme do calor por todas as peças e de, por outro, evitar que as peças estalem ou se partam, não justifica que estas tarefas sejam exclusivas dos homens. Nem sequer o sinal de cozedura merece exclusividade de género. Quando se sabe a loiça está cozida?

Vê-se pela cor da chama. Por exemplo, se tiver muito cor de laranja. “A gente” orienta-se. “A gente” tapava a porta do forno com tijolo refractário e deixava-se uma telha no meio a fazer de vigia, e púnhamos um pedaço de cortiça na ponta de um ferro próprio. Quando a cortiça inflamasse a loiça estava cozida. Depois vidrava-se a loiça, quer dizer, mergulhava-se numa calda de chumbo moído [*hoje usa-se zarcão*], pintava-se e era outra vez cozida. O forno tinha-se de acender outra vez. Comecei a vidrar panelas, tarefas, alguidar. É um trabalho difícil pois é preciso ter força e agilidade. O vidrado está num alguidar, agarra-se a peça e dá-se estaladas.

Mas antes do vidrar há o tingir (engobar). É um processo de avermelhar a loiça por mergulho numa diluição de almagre (argila rica em óxido de ferro) ou de branquear por mergulho calda de caulino (argila rica em óxido de cálcio proveniente de zonas marmóreas como Bencatel ou Santiago Maior). As peças decorativas são riscadas sobre o engobe branco seco.

Sim. O tingir é difícil como o vidrar. Há peças pequenas – as canecas e os jarros – que são fáceis de mergulhar, mas os pratos grandes exigem muita força. Segura-se a peça com uma mão e tem de se rodar com a outra. Sempre sem parar para a tinta não fixar senão deixa marca ou não fica igualmente distribuída.

Onde adquire o barro?

Importa-se de Espanha. Vai-se comprar a São Pedro do Corval.

Uma surpresa! Afinal os pratos alentejanos, expoente máximo da pintura popular decorativa, são espanholados! Outrora o barro extraía-se das herdades do Valongo, da Valdanta, do Monte Branco e do Azinhalinho, todas situadas a poucos quilómetros de Redondo. A preparação do barro compreendia várias operações. Victória Duque ainda se recorda:

Punha-se o barro na tina. Viu a tina no quintal? Partiam-se os torrões com a adição de água. Tínhamos uma tábua [falheiro]. Viu a tábua? Desfazia-se o berro para obter uma solução homogénea. Eu dizia que era fazer chocolate. Depois coava-se. Passava-se por uma peneira [arneiro] para limpar das areias e das impurezas. Os desperdícios ficavam num alguidar. Ainda há o alguidar. O barro ia para o tanque, cavado na terra e com o fundo coberto de cinza. O barro secava por evaporação. Quando começava a rachar passava-se para uma parede [tulha]. À medida que ia fazendo falta íamos tirando bocados. Depois amassava-se [sovava-se] numa mesa. De Verão tapávamos com um plástico e de vez em quando deitávamos água para não secar.

O centro da olaria é a roda e o que define o oleiro é a moldagem do barro. Um fazer que fascina e um desfazer que desconcerta. O oleiro parece um mágico a brincar com a nossa imaginação e expectativa. Adivinha-se uma forma e desfaz-se. Vê-se crescer outra e desfaz-se. É talvez por isso que se diz que ele foi o único homem capaz de enganar o diabo. Por sugestão da filosofia aristotélica a roda do oleiro deveria chamar-se roda do devir. A matéria (barro) em potência e a forma, em contínua actualização, são as duas primeiras causas do devir a que se acrescentam a causa eficiente (o trabalho do oleiro) e a causa final (o fim quase insuspeitado que o oleiro tem em mente para o barro). O barro transforma-se e realiza-se na roda do devir.

Para se confirmar se Victória Duque é oleira tem de se perguntar: também trabalha na roda?

Sim. Não faço tudo na roda, como as talhas [peças corpulentas feitas em fases sucessivas, por lances] que o meu mestre ainda faz por encomenda e coze no forno de lenha. Faço o que os meus braços permitem.

E quando é que se iniciou na roda?

Comecei aos dezasseis anos como que por brincadeira. Eu pintava ao lado do meu mestre e estava sempre a olhar para o trabalho dele. Um fascínio. Comecei a desenhar uma peça na minha cabeça. Uma peça muito complicada: um jarrinho com um bibe. Quando o meu mestre ia almoçar eu ia experimentar. Irritava-me por não conseguir fazer o que queria. Depois desfazia tudo e tinha de deixar a pele arranjada. Andei tempo sem conseguir fazer nada. Um dia o meu mestre apanhou-me e disse-me que não se começava daquela maneira. Começava-se com uma peça mais fácil. Dantes era pelos textos. Eu comecei pelo prato. Brincava muito com a pela. Abria, fechava e levantava. Tudo para treinar os dedos, para fazer as peças sem tremer e sem errar. Quando se está a trabalhar tem de se estar concentrado e coordenar os movimentos senão o barro

começa a saltar para todos os lados. Quando estou a trabalhar sinto-me noutra mundo. Tudo o que envolve o barro é mágico. Eu sou suspeita a falar. Não há problemas nem pressa.

Hoje a roda é eléctrica. A roda movida com o pé tem fascínio. Quando entrei para a olaria a roda foi uma paixão. A roda conquistou-me.

Toca profundamente o sentido de autofruição do ofício, de todo alheio ao cumprimento correcto, cego, obcecado e calculista do dever profissional. Parece não existir desajustamento entre o fazer e o ser. Apetecia perguntar qual o sentido encontrado para aquele modo de vida ou, pelo menos, se existe alguma razão que explique o fascínio pela roda.

Não tenho razão. Não é necessário. Aconteceu. Do fazer a peça ao pintar tudo é um mistério. A gente não pensa é uma entrega total.

De todas as peças que faz o que é que prefere?

Pratos, talvez por ter sido por aí eu comecei. Hoje já assino os pratos, aliás, as peças todas, porque as pessoas me pedem.

Sabe que é pioneira em olaria?

Sim. Digo-lhe que me sinto vaidosa por as pessoas chegarem ao Redondo e perguntarem pela Victória Duque.

Num meio como o Redondo onde há tantos homens oleiros, todos bem mais velhos, eles lhe fazem observações?

Sim, mas eu mantenho-me no meu canto. É uma coisa de que gosto tanto que não a desperdiço com bocas.

Dá ou deu cursos?

Tenho um contrato com a CERCI de Estremoz.

Já pensou em criar uma escola de olaria?

Já ensinei. Mas exigem o 9.º ano de escolaridade e eu não o tenho. Mas é injusto, porque há pessoas com diploma que não sabem fazer nada. E eu sei.

E não pensa tirar o 9.º ano?

Um dia. Com calma tudo se faz. Eu gosto de fazer as coisas devagarinho. À minha maneira. Ao meu jeito.

Não gostaria de se projectar com autonomia e ter uma olaria só sua?

Um dia. Tenho um sonho. Quando temos um sonho já temos tudo na vida. Não vou dizer mais nada.

Redondo, Abril de 2003